

Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira
(Organizadora)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira
(Organizadora)

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

 **Atena**
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



A cultura em uma perspectiva multidisciplinar

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadora: Heridan de Jesus Guterres Pavão Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 A cultura em uma perspectiva multidisciplinar /
Organizadora Heridan de Jesus Guterres Pavão
Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-974-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.742220702>

1. Cultura. I. Ferreira, Heridan de Jesus Guterres Pavão
(Organizadora). II. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra intitulada “**A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**” tem como foco principal a discussão científica, a partir da integração entre conhecimentos que subjazem as produções escritas, em áreas distintas. O volume aborda de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos que versem sobre a cultura, em contexto com a experiência e formação humana, entre outros temas materializados em pesquisas, relatos de casos e revisões que perpassam seus diferentes percursos, em diálogo com o contexto atual.

Tem como objetivo central trazer à tona questões acerca da cultura, em uma perspectiva multidisciplinar, onde o ser humano é o elemento central de reflexões e ações que se delineiam, ao longo dos vários capítulos. Constitui-se assim, o resultado de iniciativas individuais e coletivas, que abordam temas variados, que perpassam a geografia poética e os devaneios da floresta pandina boliviana, a preservação da memória do rock autoral; a relação da cultura do consumo com a degradação ambiental; o trabalho com as culturas lúdicas, no contexto da alfabetização, no ensino remoto; a Arquitetura e a Poesia Islâmica enquanto artes do mundo muçulmano, responsáveis pelo desenvolvimento de um tipo da música que constitui o Tarab.

Enfoca também, os atravessamentos, afetamentos e as desconstruções que emergem do convívio com estudantes indígenas na graduação e pós-graduação, bem como a falsa consciência, as deformações imaginárias e o cinismo, na ideologia do bolsonarismo; focaliza ainda, a superação de uma crise de paradigmas, enquanto estratégia organizada, por meio de um projeto político pedagógico, baseado na interculturalidade e interdisciplinaridade, para atingir uma autonomia e combater o conservadorismo estatal.

Não menos importante, a fim de que se compreenda as resignificações e resistências inscritas nos modos de ser jovem, em territórios estigmatizados, traz narrativas e experiências de sujeitos artistas, assim como, a contribuição, cooperação e a organização para o enfrentamento das desigualdades sociais e de gênero, a partir da articulação em redes de solidariedades, voltadas ao empoderamento feminino; apresenta também, a compreensão do ser humano como alguém participante do Deus encarnado, descrevendo ainda, o percurso de uma oficina de artes, em modo remoto, voltada para acadêmicos da educação profissional e tecnológica, no contexto de um projeto de ensino.

A obra “**A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**” se materializa, pois, enquanto esforço e iniciativa da Atena Editora, na divulgação da produção científica de diferentes áreas, entre estas, a cultura, por meio de sua plataforma consolidada e confiável, oportunizando a socialização da temática, que se mostra enquanto valor intrínseco à vida humana.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A GEOGRAFIA POÉTICA E OS DEVANEIOS DA FLORESTA PANDINA BOLIVIANA

Francisco Marquelino Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207021>

CAPÍTULO 2..... 11

A HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA EM MEMÓRIA COLETIVA NA
GENA ROCK DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Plácido Oliveira Mendes

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207022>

CAPÍTULO 3..... 23

CULTURA DO CONSUMO: A EMERSÃO DO ATO DE CONSUMIR DENTRO DA CULTURA
GLOBAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS AMBIENTAIS

Otoni Marques Moura de Leon

Priscila Pedra Garcia

Karine Ferreira Sanchez

Maiara Moraes Costa

Larissa Medianeira Bolzan

Diuliana Leandro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207023>

CAPÍTULO 4..... 32

CULTURAS LÚDICAS E ALFABETIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO E
APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Julyara Grace Vieira

Sabrina Maria de Souza Oliveira

Nair Correia Salgado de Azevedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207024>

CAPÍTULO 5..... 48

ESTADOS ALTERADOS DE CONCIENCIA (EAC) EN LA PERCEPCIÓN DE LOS
ESPACIOS RELIGIOSOS ISLÁMICOS

Alfredo Fredericksen Neira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207025>

CAPÍTULO 6..... 65

EU, NÓS E O OUTRO: EXPERIÊNCIAS COM ACADÊMICOS INDÍGENAS NA
UNIVERSIDADE

Daniele Gonçalves Colman

Gustavo dos Santos Souza

Carlos Magno Naglis Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207026>

CAPÍTULO 7	75
FALSA CONSCIÊNCIA, DEFORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E CINISMO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A IDEOLOGIA POR MEIO DO BOLSONARISMO	
André Ranieri Queiroz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207027	
CAPÍTULO 8	89
GENTE DO JEITO DA GENTE – FAZENDO HISTÓRIA E EDUCAÇÃO NA FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA	
Francisco Marquelineo Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207028	
CAPÍTULO 9	99
JUVENTUDE(S) PLURAIS: VOZES JUVENIS DE (RE)EXISTÊNCIAS NO GRANDE BOM JARDIM.	
Leila Maria Passos de Souza Bezerra	
Jamille Rodrigues Braga	
Benedita Beatriz Elias Dias	
Lívia Kelly da Silva	
Rayanne Rodrigues Valentim	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7422207029	
CAPÍTULO 10	121
MULHERES E RESILIÊNCIA: TECENDO REDES SOLIDÁRIAS NO SEMIÁRIDO	
Lourivânia Soares Santo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070210	
CAPÍTULO 11	130
O SER HUNANO A PARTIR DO DEUS DA ENCARNAÇÃO: CONSEQUÊNCIAS PASTORAIS	
Gilberto Dias Nunes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070211	
CAPÍTULO 12	137
OFICINA DAS CORES: DESAFIOS E CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE ENSINO EM ARTES DE FORMA REMOTA	
Amanda Eloise Machado de Souza	
Beatriz da Silva Aquino	
Karen Alves dos Santos Soares	
Paola Teles Maeda	
Wilson Junior Feliciano	
Neirimar Humberto Kochhan Coradin	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070212	
CAPÍTULO 13	149
A LIBRAS COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO E ACESSO À CULTURA POPULAR E	

AO ENTRETENIMENTO DE PESSOAS SURDAS

Clayton Gabriel Pavão Ferreira

Heridan de Jesus G. Ferreira

Thelma Helena Chahini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.74222070213>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 160

ÍNDICE REMISSIVO..... 161

FALSA CONSCIÊNCIA, DEFORMAÇÕES IMAGINÁRIAS E CINISMO: UMA DISCUSSÃO SOBRE A IDEOLOGIA POR MEIO DO BOLSONARISMO

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 20/01/2022

André Ranieri Queiroz

Mestre (bolsista PROSUC/CAPES modalidade I) do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPG/EAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bacharel em Jornalismo (MTB 63636/SP) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM - 2010) São Paulo (SP)

<http://lattes.cnpq.br/4798587826558749>

<https://orcid.org/0000-0002-5613-3481>

RESUMO: Este artigo tem como proposta estabelecer diálogos entre três conceitos presentes na Teoria da Ideologia – a *falsa consciência*, de Marx e Engels; as *deformações imaginárias*, de Althusser; a *falsa consciência esclarecida*, de Sloterdijk – e o discurso de posse da Jair Bolsonaro. Pretendemos, a partir de então, discutir a relação entre consciência, materialidade das ideias, cinismo e ideologia.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia, Bolsonarismo, Falsa Consciência, Deformações Imaginárias, Falsa Consciência Esclarecida.

FALSE CONSCIOUSNESS, IMAGINARY DEFORMATIONS AND CYNICISM: A DISCUSSION ABOUT IDEOLOGY THROUGH THE BOLSONARISM

ABSTRACT: This article proposes to establish

dialogues between three concepts present in the Theory of Ideology – false consciousness, by Marx and Engels; the imaginary deformations, by Althusser; the enlightened false conscience, by Sloterdijk – and the inaugural speech by Jair Bolsonaro. From then on, we intend to discuss the connection between consciousness, materiality of ideas, cynicism, and ideology.

KEYWORDS: Ideology, Bolsonarism, False Consciousness, Imaginary Deformations, Enlightened False Conscience.

1 | INTRODUÇÃO

Desde sua eleição, mas não apenas a partir dela, Jair Bolsonaro tem utilizado com frequência a palavra ideologia, um termo rico, complexo e que possui uma infinidade de significados – muitos incompatíveis entre si. Dentro desse oceano de possibilidades, Bolsonaro adota uma noção específica, que não se apoia em grandes fundamentações, mas que de modo algum é inocente. Uma noção de ideologia que se sustenta, principalmente, no senso comum que começou a ser popularizado por Napoleão Bonaparte no início do século 19 e que se intensificou com os escritos de Karl Marx e Friedrich Engels em meados do mesmo século.

Para Bonaparte, qualquer opositor que sustentasse sua crítica ao governo em teorias ou conhecimentos “abstratos” era um ideólogo que buscava confundir as pessoas ao elevá-las a uma condição de soberania que elas eram

incapazes de administrar:

À doutrina dos ideólogos – a essa metafísica difusa, que de maneira artificial busca encontrar as causas primárias e que sobre esse fundamento iria erigir a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis a um conhecimento do coração humano e das lições da história – devemos atribuir todos os infortúnios que se abatem sobre nossa bela França. (BONAPARTE, apud WILLIAMS, 2007, p. 212)

Essa noção pejorativa, apesar de reverberar principalmente entre os pensadores conservadores, também seguiu seu fluxo até os escritos de Marx e Engels (MARX e ENGELS, 1998), em **A ideologia alemã**. “Quando Marx”, diz Michel Löwy, em **Ideologias e Ciência Social**, “na primeira metade do século XIX, encontra o termo em jornais, revistas e debates, ele está sendo utilizado em seu sentido napoleônico [...]. É nesse sentido que Marx vai utilizá-lo a partir de 1846”. (LÖWY, 2015, p. 18) Para Marx e Engels, as ideologias refletem as relações dominantes de uma época, isso porque são as relações materiais da classe dominante que são apreendidas em forma de ideias, crenças e representações. Segundo os autores, a não percepção desse fenômeno gera uma consciência falsa, pois a realidade aparece distorcida, como uma ilusão, uma vez que ela não é concebida a partir de suas bases materiais reais, mas das representações formuladas pelo próprio homem. É através da ideologia, essa mistificação da realidade, que as ideias e crenças ganham vida própria, tornam-se autônomas, e adquirem a capacidade de subjugar seus próprios criadores.

Sem ter a ciência de tal fato, Bolsonaro utiliza, bastante vulgarmente, é verdade, a noção de ideologia que se sedimentou no imaginário ocidental a partir dos ataques de Napoleão e dos escritos de Marx e Engels. Para Bolsonaro, ideologia é uma forma falsa, iludida, mistificada, distorcida e maléfica de reconhecer o mundo. Obviamente, ele entende que essa forma distorcida não se manifesta em sua própria consciência. Isso porque, para Bolsonaro, a mácula ideológica toma forma única e exclusivamente na consciência de seus opositores, nos que pensam e vivem fora do padrão que, segundo ele, é o normal, é o real.

Em seu discurso de posse, por exemplo, em janeiro de 2019, Bolsonaro citou diretamente a palavra ideologia, ou suas variações, em cinco oportunidades:

Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem os nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce de nossa sociedade. [...] Temos o grande desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos e da desconstrução da família. [...] Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a viver o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas inocentes, destrói famílias e leva insegurança a todos os lugares. [...] Vamos retirar o viés ideológico de nossas relações internacionais. [...] (TV BRASILGOV, 2019)

Evidentemente que, para Bolsonaro, assim como para Napoleão, ideologia é

um termo de ofensa. No caso do francês, um termo para atacar todos os que buscam enfraquecê-lo enquanto governante. No caso do brasileiro, um termo para atacar todos os que vivem a partir de crenças, valores e costumes diferentes dos dele. Ideologia é, para Bolsonaro, algo a ser combatido, não compreendido; é o contraditório, o diferente, o fantasma que assombra a família tradicional, de bem, da moral, dos bons costumes, patriota, conservadora e religiosa; é o que ameaça a ordem vigente tão bem estabelecida.

É a partir dessa conjuntura que pretendemos discutir neste artigo algumas questões relacionadas às ideologias e ao bolsonarismo. Para tanto, apoiaremos nossa investigação em três conceitos presentes na Teoria da Ideologia: a falsa consciência, de Marx e Engels; as deformações imaginárias, de Louis Althusser; e a falsa consciência esclarecida, de Peter Sloterdijk. Por sua vez, o pano de fundo, responsável pelos diálogos entre a discussão teórica e o bolsonarismo, será justamente o primeiro discurso de Bolsonaro com a faixa presidencial. Uma vez que esses diálogos se estabeleçam, buscaremos responder algumas questões que, novamente, se apresentam ao debate público: há algo como uma consciência falsa ou uma consciência não ideológica? As ideologias são capazes de se sustentar como construções meramente abstratas, sem conexões consistentes com o mundo real? As ideologias foram decifradas e tomadas por um cinismo moderno capaz de manter os indivíduos conscientemente inertes às falsidades ideológicas?

2 | A FALSA CONSCIÊNCIA DE MARX E ENGELS

A ideologia alemã é um texto central na concepção de ideologia como geradora de falsa consciência. Para Marx e Engels, as ideologias são como ideias falsas sobre a realidade; representações que, apesar de concebidas pelos homens, ganham vida própria e tornam-se capazes de subjugar-los. Segundo os autores,

Até agora, os homens sempre tiveram ideias falsas a respeito de si mesmos, daquilo que são ou deveriam ser. Organizaram suas relações em função das representações que faziam de Deus, do homem normal etc. Esses produtos de seu cérebro cresceram a ponto de dominá-los completamente. Criadores, inclinaram-se diante de suas próprias criações. (MARX e ENGELS, 1998, p. 3)

De maneira oposta às ideologias, Marx e Engels entendem que o ponto de partida de sua epistemologia necessita de uma base real e verificável empiricamente; no caso, os sujeitos reais e suas condições materiais. Para os autores, a consciência só é real uma vez que esteja ligada aos processos de vida reais dos homens. Caso contrário, se o processo de vida histórico apresenta os homens através das representações criadas pelos próprios homens, ele os apresenta de maneira invertida, pois, segundo Marx e Engels, o real não parte das ideias, mas das relações materiais:

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras,

no pensamento, na imaginação e na representação dos outros para depois se chegar ao homem de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real. (MARX e ENGELS, 1998, p. 19)

A consciência “verdadeira”, portanto, de acordo com Marx e Engels, está ligada ao homem real e ao seu processo de vida real, e é só a partir das relações materiais que a realidade pode ser acessada.

Os autores também entendem que as ideias e representações de uma sociedade reproduzem os interesses e anseios do grupo dominante. “Os pensamentos da classe dominante”, dizem Marx e Engels, “são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante.” (MARX e ENGELS, 1998, p. 48) Segundo os autores, as ideias da classe dominante se desvinculam dela, ganham autonomia e se apresentam como universais, como se os próprios interesses dessa classe fossem de fato os interesses de todas as classes.

A universalização, aliás, é uma das principais características das ideologias. Por mais que as ideologias estejam ligadas a disputas de poder e, conseqüentemente, defendam os interesses sociais de um grupo específico, elas costumam se apresentar como universais, como se seus interesses próprios fossem também os interesses de todos. No Brasil, é possível observar a busca dessa universalização, por exemplo, no debate sobre a reforma trabalhista. Quem a defende costuma afirmar que as mudanças, entendam-se corte de direitos dos trabalhadores, trarão benefícios iguais tanto para o patrão quanto para o empregado. “Eu defendo empregado, patrão e também os que mais perdem, os que estão desempregados”, afirmou Jair Bolsonaro, em agosto de 2019. (BAND NEWS, 2019) A busca dessa universalização, no entanto, não se limita a um discurso onde todos ganhariam, há ainda o reforço ideológico universal através do discurso onde todos perderiam. “Eu tenho dito, desde há muito, que um dia os trabalhadores vão ter que decidir entre todos os direitos e desemprego, ou menos direitos e emprego”, complementou Bolsonaro. O discurso ideológico, portanto, por mais que carregue consigo interesses sociais específicos, normalmente se apresenta como universal.

Ainda é válido apontar que a concepção de ideologia em Marx e Engels se contradiz em alguns momentos dentro de sua própria obra. Em **O capital**, ao descrever o trabalho humano, Marx diz que “o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente”. (MARX, 1996, p. 298) A partir dessa perspectiva, como observa Raymond Williams, em **Marxismo e literatura**, a “consciência é vista do início como parte do processo social material humano, e seus produtos em ‘ideias’ são então parte desse processo, tanto quanto os próprios produtos materiais”. (WILLIAMS, 1979, p. 65) Nesse exemplo específico, portanto, Marx apresenta a base material e a abstração intelectual

niveladas hierarquicamente na relação entre homem e mundo. Assim, se por um lado é razoável entender, como afirmam Marx e Engels, que as ideias, conceitos e representações criados pelos homens sobre os homens não possuem a autonomia que muitas vezes é imputada a eles, por outro é simplista reduzi-los a fantasmas e sublimações.

É controverso também o fato de Marx e Engels apresentarem o próprio método como o único capaz de acessar o mundo real e enxergá-lo de forma inequívoca. “Essa posição”, explica Williams, “que foi repetida com frequência no marxismo ortodoxo, é uma demonstração circular [...] de que os outros são tendenciosos, mas que, por definição, nós não somos.” (WILLIAMS, 1979, p. 69) Para Williams, essa é uma saída falsa e em certa medida dogmática para o problema enfrentado pelo materialismo histórico.

Terry Eagleton, no mesmo sentido, entende que a noção de falsa consciência em Marx e Engels está muito mais ligada a uma convicção ou fé política do que seria o certo, do que propriamente ao que é efetivamente verdadeiro ou falso. A ideia de que massas de pessoas são capazes, por meio de uma ignorância generalizada, de sustentar, por longos períodos dentro da história humana, conjuntos de ideias totalmente absurdos não se sustenta. Isso porque, segundo Eagleton, crenças persistentes

têm de ser apoiadas, até certo ponto, e ainda que de maneira limitada, pelo mundo que nossa atividade prática nos revela; acreditar que um número maciço de pessoas viveria e por vezes morreria em função de ideias absolutamente vazias e disparatadas é assumir uma postura desagradavelmente aviltante com relação às pessoas comuns. Ver os seres humanos como atolados em preconceito irracional, incapazes de raciocinar de modo coerente, é uma opinião tipicamente conservadora; e uma atitude ainda mais radical é afirmar que, embora possamos de fato ser atingidos por todos os tipos de mistificações, algumas delas inclusive endêmicas da própria mente, ainda assim temos a capacidade de explicar nosso mundo de maneira relativamente convincente. Se os seres humanos fossem mesmo crédulos e ignorantes a ponto de depositar sua fé em ideias totalmente sem sentido, então seria razoável perguntar se valeria a pena apoiar politicamente essas pessoas. (EAGLETON, 2019, p. 28-29)

Assim, mesmo as abstrações mais transcendentais contêm algo que está intimamente ligado aos processos de vida reais das pessoas; elas não são meras construções abstratas que se sustentam simplesmente através da ignorância em massa do gênero humano.

Pensemos no Brasil contemporâneo e voltemos ao discurso de posse de Jair Bolsonaro. Ao se pronunciar pela primeira vez com a faixa presidencial, Bolsonaro teve como norteadores em seu discurso não alucinações abstratas presentes em uma suposta consciência mistificada dos brasileiros, mas desejos, carências e medos verdadeiros e presentes em boa parte da população. “As eleições deram voz a quem não era ouvido. A voz das ruas e das urnas foi muito clara e eu estou aqui para responder e mais uma vez me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que se trabalharmos juntos essa mudança será possível”, disse o presidente. (TV BRASILGOV, 2019) Uma vez que os indivíduos têm a tendência de não

aceitar que vivem em situações injustas, ou de exploração, eles nutrem a esperança de que a transformação está próxima, que logo algo ou alguém surgirá e mudará os rumos de toda injustiça. Bolsonaro sabe que o brasileiro anseia por dias melhores, assim como sabe que a maioria da população se sente desamparada, à margem, sem ter a quem recorrer e sem se sentir parte do todo. “Temos uma grande nação para reconstruir e isso faremos juntos. Os primeiros passos já foram dados. Graças a vocês eu fui eleito com a campanha mais barata da história”, seguiu Bolsonaro. O sentimento de pertencimento, de relevância, de ter finalmente sua voz ouvida depois de tanto tempo, tudo parece bom demais para ser verdade. Melhor que isso só se os medos que se apresentam no cotidiano do brasileiro finalmente fossem combatidos com firmeza. O medo do inimigo que está sempre à espreita, do bandido que quer te matar, do movimento que quer invadir sua casa, do revolucionário que quer confiscar o que você conquistou com tanto esforço, do militante que quer destruir sua família, do ateu que quer proibir sua religião. “Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem os nossos valores e tradições, destroem as nossas famílias, alicerces da nossa sociedade. Convido a todos para iniciarmos um movimento nesse sentido. Podemos eu, você e as nossas famílias, todos juntos, reestabelecer padrões éticos e morais que transformarão o nosso Brasil”, clamou Bolsonaro. E, obviamente, a fé das pessoas não ficou de fora do discurso do recém-eleito presidente. Uma fé que, como dito, é transcendental, mas que se apoia em desejos reais; uma fé que foi contemplada com a palavra “Deus” em quatro frases seguidas proferidas por Bolsonaro. “Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e pela minha saúde nos momentos mais difíceis. Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir nossa nação. Que Deus abençoe essa grande nação. Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”, finalizou.

3 | AS DEFORMAÇÕES IMAGINÁRIAS DE ALTHUSSER

Até aqui, nossa investigação tem apontado para a dificuldade em sustentar que massas inteiras de indivíduos, por meio de compreensão falsas sobre a realidade, estão permanentemente imersas em um mundo de ilusões. Porém, uma nova pergunta se apresenta: existe algo como uma consciência livre de ideologias?

Ao desenvolver sua teoria, em **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**, Althusser diz que a ideologia “representa a relação imaginária¹ dos indivíduos com suas condições reais de existência”. (ALTHUSSER, 1996, p. 126) Para Althusser, as “concepções

¹ Althusser se utiliza da categoria *imaginário* presente no nó borromeano desenvolvido por Jacques Lacan, no qual “o imaginário só pode ser pensado em suas relações com o real e o simbólico”. (CHEMAMA, 1995, p. 111) Para Lacan o imaginário é o registro relacionado a imagem que é feita do outro a partir da identificação e do engodo. O imaginário, portanto, é o campo que diz respeito ao eu e suas ilusões. A partir do imaginário, na “relação intersubjetiva, é sempre introduzida alguma coisa fictícia, que é a projeção imaginária de um sobre a tela simples em que o outro se transforma. É esse o registro do eu, com aquilo que comporta de desconhecimento, de alienação, de amor e de agressividade, na relação dual”. (CHEMAMA, 1995, p. 111) É no campo do imaginário que o eu, juntamente com suas ilusões, ficções e sentimentos, se demarca nas relações intersubjetivas.

de mundo” das pessoas não são apenas produto de sua relação com os processos de vida reais e das constantes interpelações dos Aparelhos Ideológicos de Estado². Para o autor, as concepções de mundo contêm elementos imaginários, e, por isso, não correspondem efetivamente à realidade. Ou seja, as crenças, valores, representações etc., segundo Althusser, são formadas também a partir de elementos inconscientes. A ideologia, portanto, para o autor, diferentemente do que pensavam Marx e Engels, transborda o plano da consciência.

Pensemos por um instante na categoria “imaginário” de Lacan. Segundo o psicanalista francês, cada indivíduo possui sentimentos, engodos, alienações e ilusões próprios que se manifestam em suas relações com o mundo e com os demais indivíduos. A partir dessa lógica, Althusser entende que a interação entre os indivíduos e o “mundo real”, diferentemente do que acreditam Marx e Engels, só acontece com a “interferência” dos elementos imaginários inconscientes presentes na própria mente. Por sua vez, essa “mediação” ou “interferência” imaginária entre o indivíduo e a “realidade concreta”, cria o que Althusser chama de deformação (ou transposição) imaginária:

[...] toda ideologia representa, em sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas decorrem), mas, acima de tudo, a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas decorrem. O que é apresentado na ideologia, portanto, não é o sistema das relações reais que regem a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais em que vivem. (ALTHUSSER, 1996, p. 128)

Althusser indica, portanto, que a compreensão de mundo dos indivíduos só é possível por meio de deformações imaginárias. E se o mundo só pode ser acessado através dessas deformações ideológicas, a consciência pura, real ou verdadeira é inviabilizada. Assim, não resta outra possibilidade ao indivíduo do que a de compreender o mundo por meio de uma perspectiva ideológica.

É bem provável que Bolsonaro, em momento algum, tenha levado em conta suas eventuais deformações imaginárias, ao dizer, por exemplo, que gostaria de “reestabelecer padrões éticos e morais” para transformar o Brasil. Ou ao afirmar que iria combater as ideologias “que destroem os nossos valores e tradições, destroem as nossas famílias, alicerce da nossa sociedade”. Ao ignorar por completo suas próprias deformações,

² Os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) compõem uma subdivisão desenvolvida por Althusser em relação ao Aparelho de Estado (AE), presente na teoria marxista. “Convém lembrar”, diz o autor, “que na teoria marxista o Aparelho de Estado (AE) contém o governo, os ministérios, o exército, a polícia, os tribunais, os presidios etc., que constitui o que doravante denominaremos de Aparelhos Repressivos de Estado.” (ALTHUSSER, 1996, p. 114) Por sua vez, os AIEs, diz Althusser, são as realidades que se apresentam na forma de instituições distintas e especializadas, como a igreja, a escola, a família, a imprensa, as manifestações culturais etc. Assim, enquanto o Aparelho (Repressivo) de Estado pertence integralmente ao domínio público, os AIEs pertencem quase que integralmente ao domínio privado. Para Althusser, os AIEs são responsáveis por adentrar o domínio privado, uma vez que o Aparelho de Estado, em tese, tem no domínio público sua limitação. Outra diferença é que se, por um lado, o Aparelho (Repressivo) de Estado funciona predominantemente pela repressão, por outro, os Aparelhos Ideológicos de Estado se manifestam predominantemente pela ideologia. Segundo o autor, o que garante a coesão dos AIEs, dentro de sua diversidade, é a ideologia dominante, que é também a ideologia da classe dominante.

Bolsonaro se refere a padrões éticos e morais que seriam verdadeiros e absolutos para qualquer pessoa, época ou lugar. Porém, as ideias que Bolsonaro posiciona como definitivas são, na verdade, utilizando o conceito de Althusser, ideias do que é ético e moral a partir de sua própria consciência ideológica. Como descrito na categoria lacanianiana, Bolsonaro insere em sua relação com o mundo, e com os outros, suas ilusões, ficções e sentimentos. Assim, de fato, Bolsonaro tem razão ao acusar seus opositores de serem ideológicos, porém, ele se mostra equivocado ao não admitir sua própria concepção de mundo como ideológica; uma concepção que não é absoluta, pois, na verdade, é produto de suas deformações imaginárias.

Além de contestar o que seria uma consciência não ideológica, Althusser também aborda a questão da materialidade das ideias. Para o autor, por mais que o mundo concreto não possa ser acessado sem “interferências”, ou seja, a relação entre realidade e indivíduo só ocorra por meio da ideologia, ela, a ideologia, representa “a expressão da relação dos homens com o seu ‘mundo’ [...], de sua relação real e de sua relação imaginária com suas condições de existência reais”. (ALTHUSSER, 2015, p. 194) Dessa forma, para Althusser: 1) “não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela”; 2) “não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para sujeitos”. (ALTHUSSER, 1996, p. 131) Com essas duas teses, ao mesmo tempo em que busca libertar a ideologia do confinamento do campo da ação, Althusser não a deixa confinada no campo das ideias. Diz Eagleton:

Não há dúvida que Althusser desferiu um golpe mortal contra qualquer teoria puramente racionalista da ideologia – contra a noção de que ela consiste apenas em uma coletânea de representações que distorcem a realidade e de proposições empiricamente falsas. Ao contrário, a ideologia para ele refere-se principalmente a nossas relações afetivas e inconscientes com o mundo, aos modos pelos quais, de maneira pré-reflexiva, estamos vinculados à realidade social. Trata-se de como essa realidade nos “atinge” sob a forma de uma experiência aparentemente espontânea, dos modos pelos quais os sujeitos humanos estão o tempo todo em jogo, investindo em suas relações com a vida social como parte crucial do que é ser eles mesmos. (EAGLETON, 2019, p. 35)

Pensemos, então, na materialidade das ideologias através do discurso de posse de Bolsonaro. Mas dessa vez não com foco no presidente, mas em seus apoiadores. Imaginemos uma pessoa qualquer - e suas deformações imaginárias –, em meio à multidão, no Palácio do Planalto. Esse indivíduo provavelmente acredita que, de fato, foi Deus quem enviou Bolsonaro para acabar com as mazelas do povo brasileiro, assim como acredita que esse mesmo Deus salvou o presidente no atentado sofrido durante a corrida eleitoral de 2018. É provável ainda que esse apoiador pense que todo bandido é um vagabundo que escolheu a criminalidade pois preferiu o caminho mais fácil; acredite que a meritocracia existe no Brasil; entenda que relacionamento homoafetivo é nada mais do que pouca vergonha de gente sem valores morais; e defenda que uma profissão que não produz riquezas materiais visíveis não merece a mesma atenção que as que fazem diretamente o Produto Interno Bruto do país

crescer. Esse indivíduo hipotético evidentemente possui elementos falsos, sentimentos, engodos, alienações, projeções etc. em suas crenças, valores e representações, ou seja, possui deformações imaginárias que moldaram sua concepção de mundo. Deformações que, recorrendo mais uma vez às relações imaginárias de Althusser, são em boa medida inconscientes. No entanto, muitos dos elementos presentes na forma como esse indivíduo se relaciona com o mundo são reais. Provavelmente há profissões que geram impactos diretos na economia de um país, o que não significa que melhore efetivamente a vida das pessoas; assim como há pessoas que conseguem se destacar profissionalmente e financeiramente tendo enfrentado condições totalmente adversas, o que não significa que exista meritocracia. É provável que uma pessoa que viva na escassez extrema de fato, em certos momentos, encontre uma solução rápida através da criminalidade, o que não significa que essa mesma pessoa não tomaria decisões diferentes caso tivesse encontrado algumas oportunidades no meio do caminho. Bolsonaro, realmente, chegou à presidência contra quase todos os prognósticos, o que não significa que isso tenha ocorrido por meio de mãos divinas, como também não, necessariamente, foram mãos divinas que salvaram sua vida após o atentado. O ponto central aqui é que por mais que contenham deformações imaginárias e elementos falsos em sua constituição, as ideologias estão diretamente ligadas à realidade social das pessoas e dificilmente se sustentariam se não estivessem. Sem se associar aos processos de vida reais, elas não têm no que se agarrar. Mesmo os medos conscientes e inconscientes que aterrorizam os indivíduos são medos verdadeiros, reais. Como dito anteriormente, é problemático pensar em construções ideológicas integralmente autônomas, que dependem apenas do ideal e que não necessitem de vínculos consistentes com os elementos materiais.

Nesse sentido, como destacado por Eagleton, aqueles que não enxergam a ideologia como falsa consciência mostram consistência ao

observar que a ideologia não é uma ilusão infundada, mas uma sólida realidade, uma força material ativa que deve ter, no mínimo, suficiente conteúdo cognitivo para ajudar a organizar a vida prática dos seres humanos. Não consiste basicamente em um conjunto de proposições sobre o mundo; e muitas das proposições que ela de fato apresenta são realmente verdadeiras. Nada disso, porém, precisa ser negado por aqueles que sustentam que a ideologia com frequência, ou tipicamente, envolve falsidade, distorção e mistificação. Ainda que a ideologia seja, em grande parte, uma questão de 'relações vivenciadas'³, essas relações, ao menos em certas condições sociais, muitas vezes incluiriam, ao que parece, afirmações e crenças inverídicas. (EAGLETON, 2019, p. 42-43)

Assim, ao mesmo tempo em que é coerente afirmar que as ideologias podem conter elementos falsos em sua constituição e em seus enunciados, é exagerado afirmar que elas são simplesmente construções abstratas, grotescas e descoladas do mundo real.

³ "Relações vivenciadas", ou "relações vividas", é a ideologia em Althusser, ou seja, é a relação imaginária dos indivíduos em contato com suas condições reais de existência.

4 | A FALSA CONSCIÊNCIA ESCLARECIDA DE SLOTERDIJK

A discussão realizada até o momento teve sua atenção voltada à questão de uma suposta consciência falsa provocada pelas ideologias. Porém, um elemento ainda não foi propriamente investigado: a questão do cinismo. Existem pessoas que enxergam as falsidades presentes nas – ou que são produto das – ideologias, mas que, ainda assim, se mostram indiferentes a elas? **Em crítica da razão cínica**, Sloterdijk apresenta o que seria a *falsa consciência esclarecida*. Segundo o autor, as sociedades modernas vivem um mal-estar causado por uma espécie de cinismo universal; um cinismo capaz, inclusive, de deixar a crítica à ideologia tradicional “atônica diante dele”. “Ela [a crítica] não vê”, diz o autor, “na consciência cínica desperta um ponto de partida para o esclarecimento”. (SLOTERDIJK, 2012, p. 31) O cinismo moderno, diz Sloterdijk, já decifrou as ideologias ingênuas e agora se aproveita delas.

A manifestação moderna do cinismo, defende o autor, sofreu mudanças fundamentais em relação ao cínico da Antiguidade⁴. O cínico moderno não se apresenta mais como um ser evoluído que se posiciona à margem da massa tola. Ele deixou de lado a necessidade de evidenciar a si perante os demais; ele não quer mais os riscos que se apresentam com esse holofote. O cínico não quer se desgastar com o possível menosprezo alheio ao tentar mostrar o tamanho de sua superioridade e originalidade:

O homem com o “olhar mau” e claro desaparece na multidão; apenas o anonimato torna-se o grande espaço do caminho cínico. O cínico moderno é associal integrado [...]. A ele próprio, seu olhar mau e claro não surge como defeito pessoal ou como mania amorosa a ser justificada por ele mesmo. Instintivamente, ele compreende seu modo de existir não mais como algo que tem a ver com ser-mau, mas enquanto partícipe de uma maneira de ver, coletiva e realisticamente conformada. Essa é a forma corrente por meio da qual as pessoas esclarecidas não se veem como aquelas que continuam sendo tolas. Parece mesmo haver algo saudável nisso – exatamente em favor disso fala a vontade de autoconservação. Trata-se da postura daqueles que se conscientizaram que os tempos da vaidade se foram. (SLOTERDIJK, 2012, p. 33)

Nessa nova configuração, a consciência moderna caminha lado a lado com o esclarecimento. Segundo Sloterdijk, ela não é falsa no sentido de iludida, invertida, distorcida ou qualquer adjetivo do gênero. O esclarecimento se manifesta nela e parece estar ao seu alcance, mas não se consuma. A consciência moderna é “ao mesmo tempo bem instruída e miserável [...]”; sua falsidade já está reflexivamente conformada”. (SLOTERDIJK, 2012, p. 34)

O cínico moderno talvez até compreenda o seu estado de minoridade, no sentido

4 O debate sobre o cínico (ou *kynikos*) tem seus primeiros passos na Antiguidade. Como corrente filosófica, o cinismo é estudado desde o século 5 a.C., e suas características mais marcantes são a sensação de autossuficiência (*autarkeia*) e de apatia (*apatheia*) diante das mazelas cotidianas. “A antiguidade conhece o cínico”, diz Sloterdijk, “como um excêntrico aberrante e como um provocativo moralista turrão” que “figura no livro ilustrado dos tipos sociais como trocista desagregador, como individualista mordaz e ignóbil, que declara não precisar de ninguém”. (SLOTERDIJK, 2012, p. 31)

kantiano, e visualize o caminho possível para a maioria. Ainda assim, o esclarecimento não parece algo efetivamente atrativo no contexto de sua própria realidade, isso porque a consciência moderna, antes de tudo, se agarra à necessidade de autoconservação. O esclarecimento enfrenta, então, o silenciamento do contra-esclarecimento. Um silenciamento que não precisa de muito mais que um salário minimamente satisfatório para se realizar. Diz Sloterdijk:

O cinismo novo não se faz mais perceptível de maneira gritante como conviria ao seu conceito; e precisamente porque é vivido sob uma compleição privada que absorve e assimila a situação do mundo; [...] O ato de conformar-se ciente de si mesmo, que sacrificou o melhor conhecimento às "imposições", não vê mais razão em despojar-se de maneira ofensiva e espetacular. Há uma nudez que não mais desmascara, e na qual nenhum "fato nu" se manifesta para oferecer chão seguro ao exercício de um realismo sereno. [...] Ele [o cínico] se recolheu em um aclaramento [Abgeklärtheit] acabrunhado, que internaliza como mácula o saber que dispõe e que não se presta mais a ataque algum. (SLOTERDIJK, 2012, p. 36)

Ao dialogar com a *falsa consciência esclarecida* de Sloterdijk, Eagleton argumenta que o conceito viabiliza, entre outras coisas, o entendimento que é, sim, possível estabelecer um compromisso com a ordem social dominante sem estar iludido com suas falsidades ideológicas. "Uma pessoa", diz o autor, "poderia ter uma compreensão perfeitamente apropriada dos mecanismos de exploração capitalista e, mesmo assim, concluir que esse tipo de sociedade, ainda que injusto ou opressivo, é preferível, de modo geral, a qualquer alternativa provável". (EAGLETON, 2019, p. 43) Uma outra pessoa pode enxergar a legitimidade das lutas feminista, antirracista e LGBTQIA+ e ainda assim não estar disposta a renunciar a seus privilégios masculino, branco e hétero. É equivocado afirmar que todos os membros dos grupos hegemônicos são vítimas de sua própria propaganda mistificadora, pois, como aponta Eagleton, quem possui uma *falsa consciência esclarecida* "vive de valores falsos mas, [...] ironicamente, é consciente de fazê-lo e, portanto, não pode ser considerada mistificada, no sentido tradicional do termo". (EAGLETON, 2019, p. 44)

No primeiro pronunciamento oficial de Bolsonaro, muitos dos eleitores que acompanharam a fala do presidente provavelmente tinham consciência das falsidades presentes em seu discurso ideológico. Pessoas que não necessariamente compactuam com suas pautas, mas que ainda assim, pensando seja na autopreservação, seja em um eventual benefício próprio, decidiram votar em Bolsonaro por entender que ele atenderia melhor às suas demandas e interesses. É possível, por exemplo, que, em busca de uma pauta de liberdade econômica, muitos eleitores tenham ignorado de forma consciente discursos que apontavam para o preconceito ou o desprezo em relação às minorias⁵; que atentavam contra o Estado Democrático de Direito; ou que inflamavam a intolerância política. Também é provável que muitos eleitores, pelas mesmas razões, tenham ignorado conscientemente as suspeitas de corrupção e o suposto envolvimento do presidente com

⁵ Minorias não no sentido de grupos que estão em menor número, mas de grupos que estão em desvantagem social.

milícias no Rio de Janeiro. Mais do que isso, não é improvável que tais eleitores enxergassem as “pautas ideológicas” de Bolsonaro – fantasma do Comunismo, globalismo, ideologia de gênero, mamadeira em formato fálico etc. – como completas alucinações. Portanto, não é exagerado afirmar que muitas pessoas tenham, de fato, votado em Bolsonaro por puro cinismo.

Para Eagleton, no entanto, é complicado abraçar a ideia de que indivíduos com uma *falsa consciência esclarecida* representam a porção majoritária da sociedade. Isso porque um corpo social constituído essencialmente por cínicos e/ou masoquistas não tem na ideologia uma ferramenta necessária. Diz Eagleton:

Imagine uma sociedade em que todos fossem cínicos ou masoquistas ou ambos. Numa tal situação, não haveria necessidade de ideologia, no sentido de um conjunto de discursos que ocultam ou legitimam a injustiça, pois os masoquistas não se importariam com o seu sofrimento e os cínicos não sentiriam qualquer mal-estar por viver em uma ordem social exploradora. Na verdade, a maior parte das pessoas tem um olhar bastante agudo quando se trata de seus próprios interesses e direitos, e a maioria sente-se desconfortável com a ideia de pertencer a uma forma de vida gravemente injusta. (EAGLETON, 2019, p. 44)

Assim, ao mesmo tempo que é coerente pensar que as ideologias, em maior ou menor medida, envolvem falsidades e que uma parcela dos indivíduos compreende essas falsidades e convivem de forma cínica com elas, é duvidoso pensar que a maioria dos indivíduos de uma sociedade é cínico ou masoquista.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das investigações desenvolvidas nesse artigo podemos afirmar que é problemático apontar que massas inteiras de indivíduos estão constantemente imersas em falsa consciência e em um mundo mistificado. Primeiro, porque não é particularmente democrático apontar um método específico como o único capaz de identificar a realidade como ela de fato é. Segundo, porque é complicado conceber uma consciência capaz de se relacionar diretamente – sem mediações ou interferências – com o mundo real. Ao desconsiderar as deformações imaginárias, ou seja, sentimentos, medos, engodos, projeções, alienações, anseios e falsidades presentes na própria mente, acabamos por reduzir os indivíduos a uma condição autômata. Isso porque um método que se baseia em primeira e última instância ao consciente, e que desconsidera fatores que escapam a ele, acaba por simplificar em demasia a complexidade humana. Nesse sentido, uma vez que é difícil conceber que o mundo concreto possa ser acessado sem interferências e mediações, ou, como classifica Althusser, sem as deformações imaginárias, é difícil também conceber que um indivíduo possa ter uma visão pura, não ideológica ou objetiva da realidade. Por sua vez, a não percepção dessas deformações faz com que acreditemos que nossa própria forma de se relacionar com o mundo é a única possível, a verdadeira. O contraditório, o

diferente e o incomum passam, então, a ser vistos como negativos, perigosos e nefastos. Tal fenômeno pode ser facilmente observado, por exemplo, nas constantes falas de Bolsonaro, mas não apenas nelas – uma vez que este fenômeno também se manifesta em boa parte, para não dizer na maioria, das discussões político-sociais contemporâneas.

Mais do que isso, nossas reflexões ainda indicam que é problemático apontar as ideologias como construções abstratas, fantasmas, ou sublimações que não necessitam estar conectados aos processos de vida reais dos indivíduos. Pelo contrário, elas estão constantemente relacionadas à realidade social e seriam ineficazes se não estivessem. Nesse sentido, a relação entre real e ideal parece não ser hierárquica, mas horizontal; não ser de submissão, mas de simbiose. No entanto, o fato de precisarem estar ligadas ao mundo real não impede que as ideologias se apoiem constantemente em falsidades e ilusões, seja em sua constituição, seja no produto de suas ideias, seja em seus enunciados. Um exemplo disso é o discurso de posse de Bolsonaro que, apesar de se relacionar intimamente com a realidade social das pessoas, se apoiou em ilusões e distorções.

Por fim, a relação entre cinismo e ideologia, defendida por Sloterdijk, mostra consistência ao apresentar indivíduos que são de fato capazes de enxergar as distorções e ilusões ideológicas, mas que, ainda assim – por autopreservação, interesse, ou apatia –, se mantêm inertes a elas. O cínico moderno parece não se sentir atraído pelo acessível esclarecimento que está à sua frente; a alienação ou a associação à ordem vigente, por mais injusta que se apresente, parece muito mais interessante. Como abordado no texto, realmente podemos concluir que muitos dos eleitores tinham plena consciência das distorções, ilusões e falsidades presentes no discurso de Bolsonaro. Esses eleitores, de fato, foram cínicos ao apoiá-lo durante as eleições. Ainda assim, como destacado por Eagleton, é problemático pensar em uma sociedade formada em sua maioria por cínicos e masoquistas. Isso porque uma vez que estes não se importariam com seu próprio sofrimento, e aqueles não sentiriam qualquer mal-estar com a exploração resultante da ordem social vigente, a própria ideologia deixaria de ser necessária.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. In: ŽIŽEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ALTHUSSER, L. **Por Marx**. Campinas: Unicamp, 2015.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LÖWY, M. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MARX, K. Processo de trabalho e processo de valorização. In: MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. [S.l.]: Nova Cultural, v. Volume I, 1996. Cap. Capítulo V.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SLOTERDIJK, P. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

VÍDEOS

BAND NEWS. Bolsonaro diz que será preciso fazer escolha. **YouTube**, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mcX8DtHGTv4>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

TERRA EM TRANSE. Direção: Glauber Rocha. Produção: Zelito Viana. Intérpretes: Paulo Autran e Jardel Filho. [S.l.]: Mapa Produções Cinematográficas Ltda. 1967.

TV BRASILGOV. Posse do Presidente Jair Bolsonaro Bloco 02. **YouTube**, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mNlrh9jNPP4>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso à cultura 149, 152

Afetamentos 65, 66, 72, 73

Alfabetização 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47

C

Categorias de história oral 11

Cenas musicais 11

Cinismo 75, 77, 84, 85, 86, 87

Consequências pastorais 130, 131, 135

Cultura 1, 3, 4, 9, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 40, 41, 43, 46, 48, 57, 62, 65, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 88, 89, 91, 97, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 119, 121, 125, 127, 131, 140, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 158, 159, 160

Cultura do consumo 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31

Cultura global 23, 25, 27, 30

Cultura moderna 26, 131

Culturas lúdicas 32, 34, 35, 45

D

Deformações imaginárias 75, 77, 80, 81, 82, 83, 86

Desigualdades sociais 25, 46, 103, 107, 117, 121, 127

Diálogo com as ciências 133

E

Empoderamento feminino 121

Encarnação 106, 130, 131, 132, 133, 135, 136

Ensino remoto 13, 32, 34, 39, 40, 44, 45, 46, 138, 141

Entretenimento 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157

Espaço público 109, 111, 112, 114, 115, 116, 130, 131, 133

Espaços 13, 67, 70, 72, 73, 100, 101, 102, 106, 109, 111, 112, 114, 116, 117, 119, 122, 123, 126, 127, 151, 159

G

Gênero 13, 17, 20, 67, 79, 84, 86, 93, 99, 117, 121, 122, 123, 125, 127, 129

Geografia poética 1, 2, 3, 6

H

História oral 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

I

Inclusão 35, 39, 91, 94, 125, 149, 153, 154, 155, 158, 159

Intérpretes 50, 88, 150, 151, 156, 158

L

Legalização e normatização do ensino remoto 32

Lei da libras 151

M

Memória coletiva 11, 13, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Modos de vida 1, 2, 3, 9, 89, 97, 105, 107

Mulheres 4, 16, 68, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129

Mulheres e resiliência 121, 128

P

Pandemia do Covid-19 32

Pessoas surdas 149, 150, 151, 153, 154, 158

Projetos de ensino 142

R

Redes solidárias 121, 122

Resiliência 121, 122, 125, 126, 127, 128

S

Ser humano 19, 29, 49, 58, 59, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 153

Sociologia da infância 33, 35, 46

V

Vozes juvenis 99

A cultura
em
UMA PERSPECTIVA
multidisciplinar

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A cultura em UMA PERSPECTIVA multidisciplinar

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

